



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Ufa, que sufoco!

Essa batalha da Seleção Brasileira com o Japão foi terrível. Eu já me preparava para escrever uma crônica com o título *A culpa é do Zico*, quando, no finzinho do jogo, Martinelli recebeu um passe açucarado de Bruno Guimarães, se equilibrou e, em um âtimo, deu uma tacada de bilhar tirando o goleiro Suzuki e colocando a bola na rede japonesa. Que me desculpem os entendidos, mas entrei em campo novamente para dar as minhas caneladas.

Antes do jogo, eu ouvi alguns comentaristas dizendo que o Japão havia

perdido o medo do Brasil e ia jogar de igual para igual. Nada disso. Os japoneses adotaram uma única estratégia do começo ao fim: apostar no erro do time brasileiro. E ele aconteceu aos 29 minutos do primeiro tempo, o nosso lateral Danilo arrancou para um contra-ataque, passou errado, o jogador japonês tomou a bola, carregou até a entrada da área e fuzilou no canto de Alisson.

Não entendi por que a defesa, toda armada, recuou e não deu o bote ou ao menos fechou o caminho. Mesmo somente com uma estratégia, o jogo era muito perigoso para o nosso time porque os japoneses melhoraram muito, todos jogam em ligas europeias fortes e correm para o contra-ataque sincronizados e em alta velocidade. Parecem personagens de desenho animado. Saem japoneses em disparada para todos

os lados, não se sabe de onde eles vêm.

Sim, ficou evidente, mais uma vez, que o futebol japonês evoluiu. Eles nunca conseguiram competir com o Brasil desse jeito. Enquanto isso, o nosso time padecia dos mesmos problemas de falta de criatividade do meio de campo e da necessidade de passar a bola e trocar passes de maneira mais rápida para pegar Vini Jr. e Rayan mano a mano. No primeiro tempo, principalmente depois do gol, os japoneses encaixaram a marcação e ficou um jogo chato, com o Brasil trocando passes lentos, sem nenhuma capacidade de penetração na muralha japonesa.

O Brasil estava intimidado com o ferrolho adversário e o pessoal aqui da arquibancada da Redação berrava: “Não é preciso paciência, é preciso coragem, parte para cima”. E, parece que os jogadores brasileiros

ouviram a reivindicação aqui do outro lado do oceano e foram para dentro, com paciência e coragem, mesmo porque não havia outra opção para sobreviver na Copa.

Vini Jr. partiu para cima, enfiou uma bola no meio das pernas do beque japonês, fintou mais dois, chutou e quase fez um golão. Jogadas como essa animaram o nosso time, que se impôs e sufocou o time japonês. Em um cruzamento de Gabriel Magalhães, que fez uma ótima partida, Casemiro empatou e o jogo ganhou em dramaticidade. Ocorreram uns três quase-gols, no entanto, isso não vale nada.

Bruno Guimarães jogou muito bem, mas nosso meio de campo tem um repertório pobre de jogadas para chegar ao gol e para municiar os atacantes. A lentidão do toque de bola favorece a defesa adversária. Os meios de campo da França e da

Argentina têm mais variações de jogadas e soluções do que o nosso. De modo que o Brasil só destrava quando a bola passa pelos pés de Bruno Guimarães e de Vini Jr.

Mas, dentro das circunstâncias, uma vitória arrancada no minuto final, como essa contra o Japão, dá moral. A adrenalina está alta até agora. O que o Ancelotti pode fazer é potencializar ao máximo esse time e esses jogadores. Não me parece que dá para ganhar a Copa do Mundo e levantar o hexa. É possível torcer sem distorcer.

Vamos em frente e que os deuses joguem seus dados. E que o Brasil não tenha medo de vencer. Acho que dá para passar de Noruega ou Costa de Marfim, mesmo que seja aos trancos e barrancos. Que o Brasil tenha nostalgia do Brasil. Que venha a Costa Rica ou a Noruega, que eu nem quero ver.



Sem medo do adversário

Costa do Marfim ou Noruega? Torcedores falam sobre a expectativa para o próximo jogo da Seleção

- » LETÍCIA MOUHAMAD
- » MEL KAROLINE
- » LUIZ FELLIPE ALVES
- » DAVI CRUZ, VITÓRIA TORRES
- » DARCIANNE DIOGO
- » FRANCISCO ARTUR DE LIMA
- » RAFAEL LINS*

A vitória sofrida da Seleção Brasileira, por 2 a 1, contra o Japão, encheu os torcedores de Brasília de otimismo para as oitavas de final, no próximo domingo. Para a partida, o Brasil pode jogar contra a Costa do Marfim ou a Noruega. A definição do adversário será na tarde de hoje, após os times se enfrentarem no Texas, nos Estados Unidos. No Boteco Boa Praça, na 201 Sul, a virada emocionante nos acréscimos consolidou a confiança das amigas Ana Flor Torres, 29 anos, e Gabrielle Barrera, 28, no sonho do hexacampeonato.

Para Ana Flor, a entrada do atacante brasileiro Endrick foi determinante para mudar o ritmo da partida. “Foi importante ele entrar; foi a chave do jogo. A gente sabia que ia ser um jogo difícil, mas estamos acreditando no hexa, ele vai vir”, projetou. De olho no cruzamento da próxima fase, Gabrielle demonstrou não temer o possível rival europeu. “Seria melhor para nós pegarmos a Costa do Marfim. Mas pode deixar vir o Haaland vir que o Brasil vai destruir”, exclamou, referindo-se ao craque da Noruega.

A postura destemida é compartilhada pela analista financeira Stefany Brito, 25, que cravou o placar exato da partida de ontem e celebrou fantasiada ao lado de colegas de trabalho. Embora prefira enfrentar a seleção africana na sequência da Copa, ela confia no potencial do elenco, especialmente com um retorno esperado. “Tenho certeza de que o Brasil vai tirar de letra. Tem que colocar o Neymar. Certamente ele vai dar o melhor de si e garantir essa vitória”, previu.

Após o apito final, que decretou a classificação do Brasil para as oitavas de final, Warley Soares, 47, afirmou que, apesar do



Warley Soares está confiante para o próximo confronto



Wagner, Camila e Poliana ficaram aliviados com a vitória

susto, era esperado um jogo difícil. “Copa sempre é muito difícil. Acho que o Brasil vai ganhar de todo mundo, mas sempre terá que enfrentar uma dificuldade”, opinou. Com a classificação, as esperanças estão renovadas.

“Eu espero que seja um jogo fácil, mas isso é quase impossível de acontecer”, brincou Warley. Para o próximo confronto, ele prefere enfrentar a seleção africana. “Jogamos contra ela outras

Luiz Fellipe Alves/CB/DA Press



Ana Flor (E) e Gabrielle Barrera preferem a Costa do Marfim



Sara Katrine (E) crê que a próxima partida será mais desafiadora

vezes e o resultado sempre foi positivo. Acredito que vai ser mais um confronto ganho. A Noruega tem o Haaland, um 'cara' que gosta de fazer gol e pode nos complicar”, acrescentou.

A servidora pública Camila Figueiredo, 30, prefere manter os pés no chão quanto ao futuro do Brasil na Copa do Mundo, preferindo o receio de uma eliminação à confiança cega. Aliviada com a virada de 2 a 1 sobre o Japão, ela celebrou a vitória ao lado

Davi Pereira/CB/D.A Press



Na Embaixada do Japão, o clima era de emoção compartilhada e de sentimentos divididos

levou à embaixada tsurus feitos por ela mesma — símbolo tradicional da cultura japonesa associado à paz e à longevidade. Há seis anos dedicada exclusivamente ao origami, ela contou que aprofundou sua conexão com o Japão após participar de um treinamento de empreendedorismo feminino promovido por uma agência de cooperação do país. “Fiz esse origami para representar esse jogo de muito respeito, de muita amizade, de paz e longevidade”,

explicou. Ao comentar a partida, ela resumiu o sentimento de quem acompanhava o confronto entre as duas nações. “Meu coração ficou dividido igual a esse origami”, disse. “Foi uma honra estar aqui ao lado do embaixador para torcer juntos”, completou.

A mesma dualidade foi percebida pelo empresário Eiji Yamasaki, de 45 anos. Para ele, a virada brasileira trouxe uma mistura de orgulho e frustração. “Hoje o nosso

DNA ficou em conflito. Ficamos divididos. Torcer contra um é torcer a favor do outro, mas a gente fica muito feliz”, afirmou. Apesar da comemoração pelo avanço do Brasil, ele admite que gostaria de ter visto o Japão seguir na competição. “Seria um momento único para o Japão. E jogar contra o Brasil é muito interessante, porque o Brasil tem uma influência muito grande no futebol japonês”, disse.

Yamasaki destacou a forte ligação



Ludmila Magalhães levou à embaixada tsurus feitos por ela

histórica entre os dois países, refletida na torcida presente. “Nós somos a maior comunidade de descendentes do Japão fora do Japão, no Brasil. Então, a gente ficaria muito feliz se o Japão tivesse avançado”, afirmou. Ainda assim, reforçou o apoio ao Brasil na continuidade da Copa. “Estávamos torcendo para os dois igualmente. Estou feliz pelo avanço do Brasil. E agora é torcida 100% pro Brasil, rumo ao hexa”, ressaltou.

Japão fora, Brasil ganha apoio

- » ANA CAROLINA ALVES

Na Embaixada do Japão, a torcida pela seleção japonesa se manteve firme até o apito final, mesmo com a virada brasileira nos minutos decisivos. O embaixador do país asiático, Yasushi Noguchi, destacou o equilíbrio da partida, mas reconheceu a superioridade do Brasil no resultado. “O Japão também jogou muito bem, mas o Brasil jogou melhor”, afirmou. Em tom bem-humorado e diplomático, ele declarou apoio à equipe brasileira na sequência do torneio. “Então, vamos levar o Brasil até o fim da Copa. A torcida agora é para o Brasil! Viva o Brasil! Viva o Japão!”, completou, celebrando as duas seleções.

Entre os torcedores, o clima era de emoção compartilhada e, em muitos casos, de sentimentos divididos. A empreendedora Ludmila Magalhães, de 51 anos,